

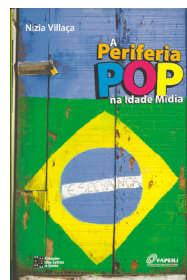
Visibilidade midiática e construção de sentido nas periferias no Rio de Janeiro

Tatiana Rovina Castro Pereira

VILLAÇA, N. (2011).

A periferia pop na idade média.

São Paulo: Estação das Letras e Cores, 176 p.



Resumo: O que é a periferia? Como as mídias fazem-ver a periferia? E quais são as produções de sentido de seus sujeitos e sobre seus sujeitos? Unindo fundamentação teórica, visibilidade midiática e vivência periférica, Nizia Villaça realiza renovadas e interessantes conexões e faz vislumbrar uma rede multidirecional de sentidos, na qual o leitor sente-se mesmo em “popficação periférica”.

Palavras-chave: periferia; moda; cultura; mídia

Abstract: **Mediatic visibility and sense construction on Rio de Janeiro's outskirts.** What is the outskirts? How does the media bring visibility to the outskirts? And what are the sense productions of their subjects and about their subjects? Gathering theoretical foundation, mediatic visibility and peripheral experience, Nizia Villaça suggests renewed and interesting connections and provides a glimpse on a multi-directional sense network, in which the reader feels as in "outskirts' popfication".

Keywords: outskirts; fashion; culture; media

Talvez, uma boa maneira de apresentar o livro *A periferia pop na idade média* seja apresentando a autora. Faz-se isso não com o intuito de discorrer, sem propósito, sobre o currículo de Nizia Villaça mas, de apresentar ao leitor

a multiplicidade de olhares (científico, midiático e humano) investidos em suas obras – e, especialmente, em seu recente lançamento, publicado pela Estação das Letras e Cores, em 2011.

A autora é professora titular emérita da Escola de Comunicação da UFRJ; pós-doutora em Antropologia Cultural – Sorbonne, Paris V; diretora do Grupo ETHOS: Comunicação, Comportamento e Estratégias Corporais; parceira de instituições francesas como CNAM (Conservatoire National des Arts et Métiers des Pays de la Loire) e Sociétés; autora de livros e ensaios com temáticas no corpo, nas novas tecnologias, na contemporaneidade e na moda, entre outros. Na obra aqui tratada e por sua competente fundamentação teórica multidisciplinar, ela instiga o leitor para que conheça a periferia carioca (mas não só) e suas produções, especialmente culturais, seja na vida vivida e em relação com o espaço urbano, seja pelas produções acerca de tais comunidades periféricas, nas diferentes visibilidades midiáticas que delas foram e são feitas-ver.

Esses, aliás, parecem ser os três grandes eixos que (multi)direcionam os oito capítulos em que o livro se organiza: fundamentação teórica, visibilidade midiática e vivência periférica. A partir daí a autora realiza renovadas e interessantes conexões e faz vislumbrar, para a pesquisa dos leitores, inexplorados e significativos caminhos.

Por vezes, a leitura – *performance* programada para uma coesão lógica e ordenada entre os parágrafos – é surpreendida por inesperadas rupturas, ramificações, intertextualidades e *hiperlinks*, não na estrita sucessão racional do pensamento, mas pelos muitos diálogos sensíveis que podem se fazer (e se fazem) no viver contemporâneo e no trabalho de Nizia. Daí a outra riqueza da obra: não compartimentar ou hierarquizar as áreas do conhecimento e os aspectos do viver (como se eles pudessem ser fechados sobre si mesmos, isolados ou não-relacionados) e relacionar academia, mídia e vida em uma rede multidirecional de sentidos. *A periferia pop na idade mídia* faz-sentir (na linearidade do texto verbal impresso) a periferia *pop* na idade mídia (da pluralidade das *performances* realizadas).

Mais do que uma metalinguagem, o livro é uma metavivência. Ler *A periferia pop na idade mídia* é sentir-se, mesmo, em “popficação periférica”, transitando entre as outrora chamadas duas margens do espaço urbano (centro/periferia) e uma visibilidade midiática periférica (exaltada/temida), em contexto com inúmeros teóricos da comunicação e da cultura.

O primeiro capítulo da obra apresenta a metodologia de vivências urbanas e a fundamentação teórica para tratar as complexas relações entre cidade, identidade, diferença e corpo, que irão reger o desenvolvimento do trabalho.

O segundo capítulo discute a questão da cultura e da diversidade, abordando os sentidos de “periferia”, suas relações com o centro urbano e o papel da moda nas *performances* identitárias.

O capítulo seguinte é dedicado ao tema favela, vista como domínio do “o outro” na produção da cidade. Refaz-se o histórico das favelas cariocas e expõe-se a visibilidade periférica nas mídias (pela exclusão ou inclusão), no cinema, na Internet, no jornalismo periférico,

na TV e jornais, até a contemporânea favela multimídia, vista como destino turístico. Também se pensa a identidade latino-americana e a moda nesse espaço.

A moda é retomada, em profundidade, em: *Corpo, Moda e Espaço: Processos de Subjetivação*. O espaço fenomenológico, da alteridade e da troca é um “transespaço camaleônico”, “elemento coestruturante da subjetividade contemporânea”, em que ocorre a multiplicidade das experiências urbanas da metrópole. Nele, o global homogêneo e a variedade local dialogam. A periferia – com os atores que a constroem, os habitantes que nela vivem e os pesquisadores que a analisam – se presentifica como potencial de experimentação. Fator de mobilidade social e individual. Nesse sentido, a moda é atitude cultural que acentua o caráter dinâmico da contemporaneidade e ressemantiza o espaço. Também a mídia pode fazê-lo, ao construir diversos Rios de Janeiro, na duração do tempo: o da natureza, do luxo, do turismo e da violência. A cidade e a favela são espetacularizadas e é preciso vivenciá-las com o corpo.

No quinto capítulo, o consumo, a publicidade e a comunicação se imbricam na cultura da *performance* identitária, pela qual importa aparecer. A vida é estetizada, a subjetividade é móvel, a fama é consumada e todos são agentes da comunicação e do consumo espetacular. A cidade, transdisciplinar, vive uma crise terminológica e metodológica. O Rio Maravilha e o Rio da Violência se relacionam, se hibridizam e a indústria cultural propõe um novo imaginário urbano entre *As Duas Margens do Rio e a Ponte da Passarela*.

Enfrentamentos e desfronteirizações se dão a ver nessas duas margens, pela moda. O *funk* entra no mapa urbano; para a Daslu das grã-finas existe a Daspu das prostitutas; o gueto também se faz no luxo da gastronomia; e há algo entre a minissaia da faculdade e a faculdade que vai à periferia, para além de uma leitura simplista.

O sétimo capítulo expõe a pesquisa e o trabalho realizados com a comunidade do Terreirão, que faz-criar na possibilidade de inclusão de espaços diversificados da cidade.

Por fim, em *O superpop periférico na idade média*, a periferia é “popficada” pela mídia impressa e eletrônica, ora pela exclusão, ora pela inclusão. Alteridade e interação, reformulação do espaço urbano e não adequação do indivíduo, hiperinformação e pluralização de imagens – tudo faz-ser a estética *superpop* em um clima espetacularizado.

As referências teóricas de Nizia Villaça são expressivas. Sua pesquisa midiática é intensa. Cabe ao leitor, ao virar a última página do livro, traçar seus próprios elos e pontes, para viver, por sua *performance*, *A periferia pop na idade média* – agora não mais apenas no texto impresso, e sim por toda a vivência multisensorial e polifônica das periferias da cidade.

Tatiana Rovina Castro Pereira é mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (PEPG-COS) e pesquisadora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

trcp@yahoo.com